

Aos dezoito annos, em todo o esplendor da sua adorável juventude, Lili encontra no jardim de seu pae uma corneta, que alli deixára cair o excellente Plinhard, clarim de caçadores, um pobre tarinheiro ingenuo e tímido em presença das mulheres, que ás vezes escalava o muro do jardim do sr. Bouzaincourt, pae de Lili, para vir cavaquear sentimentalmente com Victorina, creada da casa. Cavaqueira innocente, alival de contos. Succede, todavia, que o instrumento alli encontrado faz nascer as mais loucas ideias no cerebro juvenil da pequena Lili.

Acontece porém dentro em pouco que a encantadora creança se enamora perdidamente do bello soldado de caçadores, crente como estava de que as variações executadas por Plinhard no famoso clarim eram todas em seu louvor. Sonha com o seu amado e aprende a tocar instrumento para melhor corresponder aos appellos marciais do seu idolo. Mas Plinhard, o imbecil, de nada suspeita. O pobre diabo não gosta de Lili, nem mesmo de Victorina, porque vae partir para a Africa, onde a patria e o dever o chamam. Assim o quer o governo, e Plinhard resigna-se e obedece philosophicamente ás suas disposições, com grande pesar de Victorina.

E Lili? Lili de nada sabe por enquanto. Mas n'este comenos, eis que lhe apresentam um pretendente, um ente ridiculo, o barão de la Grange-Batelière ladeado de um tio quasi idiota, o visconde de Sainte-Hypothèse. O harão quer desposar Lili, os paes da rapariga approvam este desejo, mas Lili recusa formalmente, e quer fugir com o seu querido militar.

N'esta situação, Plinhard cabe litteralmente das nuvens, ao ouvir a proposta formulada cathegoricamente pela doce voz de Lili.

Plinhard não tem desejo de deixar o seu regimento e desertar como um cobarde, e as singularidades de Lili encham-no de confusão. A pobre rapariga, que se julgava amada, é rudemente ferida no coração. Desmaia nos braços de Plinhard, que depois de a ter sentado tranquillamente n'uma cadeira, foge a mata cavallos, sem lhe occorrer sequer a idea de abusar da situação. E quando Lili recupera os sentidos, desiludida completamente, resolve casar com o barão. Plinhard parte para a Africa.

Decorridos oito annos, Lili apparece no seu castello em companhia do idiota do marido, bella, elegante e caprichosa, passando a vida, o melhor que pôde, e fazendo passar bem mais quartos de hora ao marido. O velho visconde apparece-nos um pouco menos idiota.

De repente chega ao castello um bello official. É Plinhard, que d'esta vez menos tolo, reconhecendo Lili, procura aproveitar-se d'aquillo que em tempo recusára. Lili resiste, mas é vencida na luta, e o segundo acto da comedia termina pouco mais ou menos como o terceiro do Antony.

Depois apparece-nos Lili avó, Lili devota e teimosa, ao cabo de trinta e cinco annos de virtudes e boas obras, Lili ainda bonita com os seus cabellos brancos. A sua grande preocupação é casar sua neta Antonina, que é amada de um joven advogado, Renato. Mas Lili nem quer ouvir falar n'esse pretendente. Quando a avó desaparece entra em scena Antonina, quer dizer Lili aos desescais annos. Tirae a Lili a sua corda de cabellos brancos e tereis Antonina. Antonina e Lili são uma e a mesma actriz — Judic.

Mas é mister que os dois amantes sejam felizes, e sel-o-hão graças ao tio de Renato, que se chama o general Plinhard. O general é o nosso conhecido clarim Plinhard do primeiro acto, o bello official do segundo, o vencedor de Lili, finalmente!

Plinhard interpõe o seu valimento junto da sua antiga conquista, e consegue vencer-lhe a resistencia obstinada, appellando para a recordação da sua victoria do segundo acto. Eis o entredo da Lili. Madame Judic lhe dará todo o relevo de que elle é susceptivel, por isso, queridos leitores, apressae-vos a ir na proxima segunda-feira admiral-a.

SORRINDO...

Um sujeito foi a um hospital de alienados vêr um amigo, que alli vive feliz ha muitos annos, imaginando ser o Padre Eterno.

O louco reconheceu-o logo e deu-lhe a mão a beijar com um soberbo ar de magestade.

— Como estás? perguntou-lhe carinhosamente o amigo.

— Perfeitamente, respondeu o louco. Tu é que não me pareces ter o juizo em muito bom estado. Nem sequer uolaste ainda que estás tratando a Deus por tu.

Francisco, diz o dono da casa ao cosinheiro, o carneiro assado do jantar era detestavel. Ha muito tempo que não vejo na meza uma carne tão dura.

— Eu cumpri as ordens que recebi, disse o cosinheiro imperturbavel. V. ex.^a tinha-me dito que queria um prato de resistencia!

CRYSTALLISAÇÕES

CREPUSCULAR

Nas orlas do poente ensanguentado,
Entre nuvens de purpura fulgente,
Como um compacto globo incandescente
Brilha o disco do sol congestionado.

Não vibra um som no ar inanimado,
Nem uma ave atravessa o Azul dormente,
E ao longe o mar em colera tremente
Lança na praia o vomito espumado.

Vem estendendo a noite a sombra informe
E surge por detraz d'um monte enorme
Da lua cheia o livido clarão.

E, cheia de romantica auciedade,
Nossa alma abrange toda a immensidade
N'uma vaga e ideal contemplação.

GASPAR DE LEMOS.

OS MILAGRES DO AMOR

(CONTO)

ESPLENDIDOS, verdadeiramente esplendidos os compridos e louros cabellos de Rosinha!... Compridos a ponto de lhe chegarem aos artelhos, quando a encantadora rapariga tirava o pente com mão ligeira e meneava deliciosamente a cabeça como uma tulinegra que sacode as pennas. E louros, de um louro adoravel de ceira em plena maturação, como se de manhã, ao atal-os em frente da sua janella, tivesse prendido n'elles os curiosos raios de sol que se estavam indiscretamente demorando a beijar-lhe a alvura dos hombros! Que bonitos cabellos aquellos, e que doidos sonhos de amor não tinham inspirado a tantos corações de vinte annos! Mas que importava isso, se Rosinha um bello dia havia casado!

O compauheiro por elle escolhido era um excellente e galante rapaz, alegre e bem disposto, dotado de uma notavel aptidão para o desenho. Era este precisamente o unico recurso com que contava para conquistar uma posição! E, apesar de tão escassa probabilidade, Rosinha e João tinham casado. Porque? E boa! Porque se amavam. Nem eu mesmo posso contar-lhes agora como elles haviam dado por isso. Sabel-o-hiam elles proprios? Não me atrevo a jurar. João, que tractava Rosinha como um camarada, tinha sempre o coração nas mãos. Uma noite em que apertou os dedos da gentil rapariga por mais tempo do que de costume, Rosinha encontrou nas suas mãos o coração do namorado. O doidivanas deixára-o ficar por descuido. Para o castigar, Rosinha ficou com elle. Eis tudo o que sei d'esta historia.

De resto, nem um nem outro tinham dinheiro. No dia seguinte ao do casamento, João, vasculhando bem as algibeiras, encontrou n'ellas cinco tostões.

— Não poderemos ir muito longe com isto, disse elle. Foram... até ao jantar, que foi frugal. Mas indemuniaram-se largamente á ceia, uma ceia de appetitosas caricias, em que fizeram um consumo extraordinario de beijos, os gulosos!...

No dia seguinte, João teve uma fortuna inesperada, que o deixou por algum tempo aturdido, como se lhe tivesse cahido uma pedra sobre a cabeça: vinte libras! Era o presente de nupcias que lhe mandava um tio da provincia. Depois de se terem mutuamente beliscado para se certificarem de que estavam bem acordados, os nossos dois pombinhos começaram a fazer os mais phantasticos projectos. Se não fallaram de comprar um reino, foi simplesmente porque não saberiam que fazer d'elle. Rosinha foi a primeira a encetar seriamente a situação. Era uma mulher de juizo a nossa Rosinha!

— Dá cá, disse ella. Eu serei o caixa. É preciso sermos economicos e pensarmos no futuro.

João entregou-lhe o vale de correio com um gesto magestoso, e desde esse momento uma unica ideia o preocupava por vezes. Quando sahia á rua e se mirava nos espelhos das lojas de modas, achava-se de uma apparencia demasiado burguezia e começava a apalpar-se para verificar se o ventre começava já a manifestar uma certa proeminencia. Então, dizia consigo que era mister tratar de emagrecer, e punha-se a correr a cidade, procurando trabalho para... mais tarde.

Ao cabo de quinze dias, Rosinha começou a sentir-se dominada por uma vaga inquietação. Era uma coisa inerti-

vel: — as vinte libras approximavam-se do fim! Uma coisa assim! Até parecia obra de bruxedo!

Rosinha revestiu-se de um aspecto grave, reflectiu por algum tempo, e tomou uma resolução.

— Sabes? disse ella á noite a João. É preciso que dentro de oito dias encontres trabalho.

— Bem o desejo eu; mas que tens tu, porque estás hoje tão seria? Dar-se-ha o caso de não termos já dinheiro?

— Temos... ainda ha muito dinheiro. Mas um homem não deve estar sem fazer coisa alguma.

— Tens razão, tens, minha querida. Por isso eu procuro trabalho todos os dias; mas podes crdr que não é muito facil encontrar-o.

Oito dias depois, o caixa achava-se n'uma terrivel situação. Não havia que dissimular, a miseria batia á porta. Rosinha não disse nada a João, por conhecer que o pobre rapaz fazia quanto podia para encontrar onde trabalhar. Era difficil a tarefa, mas a excellente rapariga fez quanto pôde para conjurar a miseria que ameaçava o casal. Com os escassos recursos que restavam fez verdadeiros prodigios de economia; e ao cabo de uma semana d'este regimen, Rosinha tornara-se a mais avisada e prudente das donas de casa. Diremos que era a mais habil tambem, porque João, sempre sem trabalho, não dera por nenhuma das difficuldades em que se via a pobre senhora.

Uma manhã, logo que João sahio, Rosinha sentiu-se dominada por uma terrivel angustia, que a obrigou a chorar amargamente.

Restavam-lhe alguns tostões... Poderiam comer durante dois dias, e ainda assim, seria mister uma prodigiosa economia. Decididamente a desgraça ia pesar sobre aquella casa.

Rosinha vestiu-se, soltando alguns suspiros. Ao começar a pentear-se defronte do seu espelho, viu que não tinha ganchos para segurar os cabellos.

— Bonito, disse ella muito triste. Mais uma despeza!...

E sahio á rua para ir comprar um massinho de ganchos a casa do cabelleireiro. O artista capillar estava a um canto do estabelecimento, muito atarefado a entrançar uma grande porção de cabellos louros.

— A menina é que não precisa d'isto, disse elle com um certo ar de galanteria, designando o esplendido cabelo de Rosinha.

— Não preciso, não, e felizmente para mim, porque deve ser muito caro!...

— Um pouco, um pouco. Estes que aqui ve hão de render uma libra.

— Uma libra, santo Deus!

— E verdade. Mas entra em conta o trabalho, porque isto ainda custa bastante a preparar.

— De certo, de certo, mas o cabelo só por si tambem tem algum valor?

— Se tem! O que eu aqui estou a preparar vale bem trez mil réis.

— Tres mil réis! Mas então quanto vale o que eu tenho na cabeça?

— Vamos vêr.

Rosinha tirou o pente e com um geito encantador da cabeça fez cahir até aos pés a loura cascata dos seus cabellos.

— Uma belleza! disse o cabelleireiro. Ha aqui!...

Mas calou-se de repente, porque farejou um bom negocio.

— Aqui, bem pago, bem pago, ha o valor de uma nota de vinte mil réis. Quer fazer negocio?

— Hoje não, respondeu Rosinha, compondo o cabelo. Mas d'aqui a dias poderá ser. Ha muito tempo que tanto cabelo me incommoda e me causa grandes dores de cabeça.

— Bem, quando quizer. E é verdade, escusa de o cortar todo de uma vez! Eu compro tambem ás pequenas porções...

— Bem, bem. Eu voltarei por aqui qualquer dia.

E Rosinha, um pouco pensativa, voltou para casa. João acabava de chegar para almoçar.

— Queres saber, disse ella dando uma gargalhada, o que o cabelleireiro alli da esquina acaba de me propôr?

— O que foi?

— Queria dar-me vinte mil réis pelo meu cabelo.

— Que ideia tão tola!

— Ora, quem sabe! No dia em que não tivermos dinheiro, poderá ser um recurso.

Mas João, ouvindo isto, teve uma ira medonha. Não, não! Se ella algum dia fizesse semelhante cousa, elle faria... Nem elle mesmo sabia ainda o que faria, mas embora... Só uma cabeça de mulher era capaz de inventar ideias tão absurdas!

Rosinha não se atreveu a replicar.

Quinze dias mais tarde, Rosinha penteava-se defronte